CONVITE

MOSTRA
COLETIVA
DE ARTES
VISUAIS

DESVIO PARA O VERMELHO

ZAGUT
Siqueira Campos, 43 - Sl 725
Copacabana - Rio de Janeiro



Vernissage 24.Out.2026 - 15h

ZAGUT

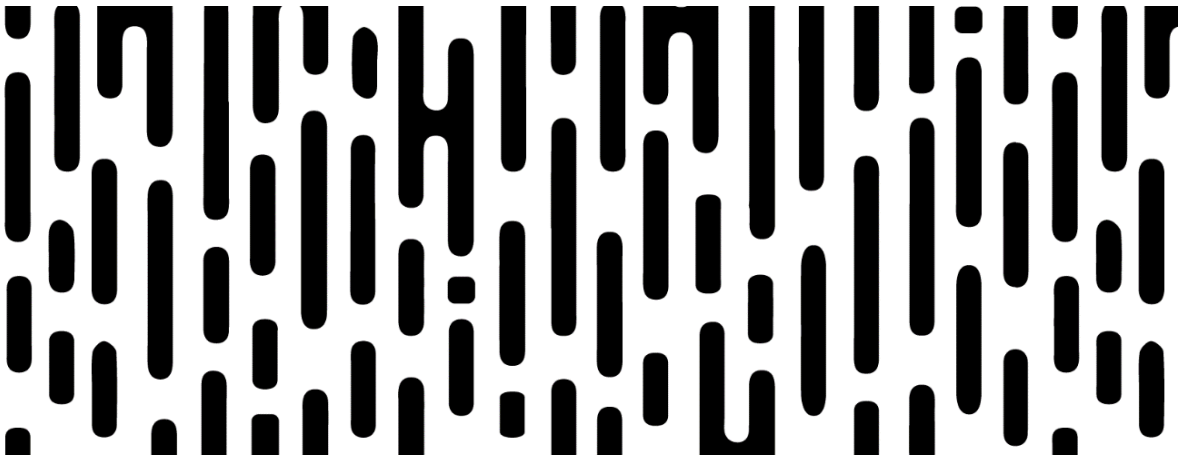
Direção Geral Zagut: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff

Texto Zagut: Isabela Simões

Texto critico: Carlos Taveira

Imagem da capa: Tchello d’Barros

Arquitetura da montagem: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff



DESVIO PARA O VERMELHO – HOMENAGEM A CILDO MEIRELES

Esta exposição foi programada para ser realizada em 2020, e foi a primeira exposição virtual que a Zagut promoveu durante a pandemia, sem ter atrasado sua programação, tendo passado para o mundo virtual a fruição das obras com a galeria virtual, na época com um trabalho árduo junto à universidade Santa Úrsula, capitaneado por Moema Branquinho.

Pela importância do tema e pelo impacto da sua visualidade de forma física, resolvemos produzi-la de forma híbrida em 2024.

Para a Zagut é uma grande celebração e um grande desafio promover este encontro em torno desse gigante da arte brasileira e que, ao mesmo tempo, é esse personagem tão sensível e terno, justamente na véspera da eleição mais apertada para presidente do país.

Não há como deixar de agradecer o que faz pela arte, mas também pelo nosso microcosmo, seu apoio ao longo da história da Zagut e da trajetória artística do Augusto. Pela sua impressionante capacidade de ser sempre tão aberto ao novo, a dar suporte a artistas, a ideias e a espaços que democratizem a arte, em especial na nossa realidade.

O currículo extenso de prêmios nacionais e internacionais, presença em importantíssimas coleções em vários países, grandes retrospectivas (entre as três melhores do ano de 1999 em Nova Iorque, segundo a crítica especializada), pavilhões em importantes museus, inúmeras capas de revistas, tudo isso ajuda a evidenciar o reconhecimento de como suas obras conseguem contar histórias de extrema importância e tocar almas, um reflexo de sua capacidade empática admirável.

Muitos já tentaram desvendar um pouco do Cildo, traduzir em palavras o que nos provoca com suas obras, como nos representa. Longe de tentar aprofundar tal exegese, este texto apenas tenta recolher alguns pontos levantados por estudiosos dessa obra, e até mesmo através de entrevistas do próprio Cildo. Desvio para o vermelho foi escolhida para esta homenagem por alguns motivos. Por popularidade, já que desde sua criação em 1967, montada em 1984 no MAM, foi recriada diversas vezes, propiciando algumas possibilidades de contato com o público. No MAC-SP em 1986, na Bienal de 1998, no Pavilhão de Inhotim desde 2006 em uma segunda versão permanente, em 2016 com as crianças no Parque Lage (Impregnação), no exterior, sendo talvez uma de suas obras mais conhecidas. Tem, ainda, uma conotação política, tão importante na obra de arte nos tempos atuais, que permite gerar ampla reflexão.

Se o fato de ter presenciado a manifestação estudantil na qual se escreveu com o sangue do jornalista assassinado “Aqui morreu um jovem defendendo a liberdade de imprensa” foi ou não um motim inconsciente para a elaboração do

projeto, eis algo que fica no ar. O artista não tem certeza, mas o curador Paulo Herkenhoff, sabendo do caso, ligou o fato. A ideia de dualidade é trabalhada por esse crítico ao colocar o acúmulo e o essencial, assim como as semelhanças (tudo é vermelho) e diferenças (todos diferentes), único e múltiplo. Mas, referindo-se à obra de Cildo como um todo, propõe haver "falência da lógica" (moedas que valem zero, metros que não medem). Chama-o de um teórico poético da sociedade.

Cildo chama de "falsas lógicas": garrafa com uma poça desproporcional, simbolizando o horizonte perfeito, e uma pia inclinada cujo jato ignora a lei da gravidade, se contrapondo a essa ideia anterior da perfeição...desvio dos desvios...uma de suas "inutilidades imprescindíveis".

Frederico Morais, em seus textos, comenta que, com essa obsessão pela monocromia, a cor que impregna os objetos acaba por anulá-los, ao deixar de ser apenas o fundo. E que, apesar de Cildo afirmar que trata de questões poéticas, há importante leitura política e que descortina o contexto da realidade do país.

Esta homenagem não pretende responder à pergunta de Lisette Lagnado nos idos de 1998: "À ideia de coleção subjazeria uma gramatologia?". Mas há certamente um sentido possível em uma coleção de obras de artistas interessados no que Cildo (que chama a Impregnação de "Coleção das Coleções") vem apregoando em sua trajetória. Essa mostra não teve uma seleção "formal". O foco do espaço é de interdisciplinaridade entre áreas de conhecimento e de gerações; os artistas com duas a três décadas de trilha nos caminhos da arte, que são os que orbitam no universo curatorial da ZAGUT, foram convidando outros com mais ou menos décadas, que tinham histórias interessantes para contar. E dessa forma o grupo se formou.

E parafraseando Cildo: "O trabalho não é político, torna-se político"; esta mostra não nasceu política, mas conscientemente torna-se política, na medida em que traz à tona um movimento de defesa da liberdade através da arte no nosso meio, por intermédio de um espaço democrático, um espaço onde se acolhe com prazer o diálogo entre gerações, entre pessoas diferentes, em que se aprende, no qual se tocam um pouco as almas.

Referências Bibliográficas: HERKENHOFF, P. Um gueto labiríntico: a obra de Cildo Meireles. In: HERKENHOFF, P.; MOSQUERA, G.; CAMERON, D. (orgs.). Cildo Meireles. São Paulo e Londres: Cosac Naify e Phaidon Press, 1999, pp. 36-81. LAGNADO, L. Cildo Meireles: desvio para a interpretação. In: XXIV BIENAL DE SÃO PAULO. Núcleo Histórico: Antropofagia e Histórias de Canibalismo. Vol.1 (catálogo de exposição). São Paulo: Fundação Bienal, 1998, pp. 398-405. MORAIS, F. A Sagração do Vermelho ou o Desvio para o Negro. O Globo, Rio de Janeiro, 8 out. 1984, p.6. Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&ordenacaoData=relevancia&allwords=Desvio+para+o+Negro&anyword=&noword=&exactword=&decadaSelecionada=1980&anoSelecionado=1984&mesSelecionado=10&diaSelecionado=8. Acesso em: 02/03/2020. Entrevista de Cildo Meireles a Marina Fraga e Pedro Urano, ago 2013. Disponível em: http://revistacarbono.com/artigos/04carbono-entrevista-cildo-meireles/. Acesso em: 02/03/2020.

"Combati o bom combate,

acabei a carreira e guardei a fé"

2 Timóteo 4:7l

...

Carlos Taveira

Um dos episódios mais marcantes da vida do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, foi quando ao sair de uma viagem em Turim e ver um cavalo açoitado ele simplesmente o abraçou. Ali era a despedida do filósofo racional criador de inúmeras obras, ou melhor, talvez a abertura de uma dimensão inexplorada do autor demonstrando todo seu afeto por um animal.

Fazia pouco mais de quatro séculos que visualmente encarnaríamos o homem finalmente como o centro do universo. Na idade média havia o temor ao divino, e outras sociedades cosmogonias que aos poucos foram adotando dilemas de colocar o homem no topo da pirâmide, ou até mesmo pior, o homem, sobre o próprio homem, ou seja, talvez o autoritarismo.

Tudo começa com um gesto simples pela liberdade, porém, com a sua liberdade sendo implantada perante os demais. Submetendo o próximo é achando que o diferente pode ser tornar o inimigo.

Daqui a pouco voltaremos a um conceito importante de Nietzsche "ressentimento", e um pouco do seu pensamento, mas por enquanto, essas palavras escritas parecem uma grande montadas em uma grande confusão, o segundo turno eleitoral de 2026 para Presidente.

Como explicar ao futuro que talvez estejamos vivendo um dos momentos históricos mais importantes do país? Sinceramente como autor do texto não tenho uma resposta precisa, mas percebo que o tempo não necessariamente é uma linha reta. Ideias que abalaram o mundo continuam, e ganham corporeidade em novos personagens.

O escritor George Orwell, escritor do distópico 1984, entre outras obras, disse uma vez: "não entendo como estou jantando com minha família e alguém pensa em simplesmente jogar uma bomba na minha casa". Ele não usou exatamente essas palavras, mas procurava entender como a natureza humana, ou pelo menos a questionar.

A filósofa Hannah Arendt em sua obra icônica "As origens do totalitarismo" cunhou a frase - a célebre expressão - "A banalidade do mal" e enviada como repórter para cobrir o julgamento de um dos maiores carrascos nazistas, deduziu que era o monstro que imaginava ser um homem comum que

seguia ordens. A maldade não estava escondida em uma figura exógena como a um demônio ou um diabo, mas em um simples senhor que estava ali e tinha nas suas mãos o sangue de milhões de mortos. Um senhor que já havia sido vizinho de alguém, pai de alguém, filho de alguém…

A figura do mal fica restrita ao que Arendt percebeu, pois sabemos que a história humana está repleta de “sangue”. Talvez por motivos distintos o ser humano tenha uma “pulsão de morte” - para ficarmos em um dos conceitos geniais deixados por Freud.

Os monstros não só estão nos contos infantis, e sim em próprios espelhos que nos refletem. Arendt percebeu em sua entrevista que aquele homem poderia ser qualquer um de seus conhecidos.

Aqui estamos à beira da eleição mais importante da última década e com uma exposição “Desvio para o vermelho” na galeria Zagut, que serve de reflexão para os últimos instantes antes de decidirmos o futuro. Nietzsche foi o autor que abriu o texto e um dos pontos a destacar é sua ideia de “ressentimento”. Não pretendo explicar o conceito filosoficamente, e enfrentá-lo de forma poética. O próprio filósofo parecia escrever mais prosa que tratados.

Ressentir-se era um dos maiores medos do filósofo. Algo que todo humano seria capaz de atravessar e sentir de uma forma distinta. O ressentimento seria o inverso do conceito de super-homem, ou pelo, seu principal adversário. Para Friedrich Nietzsche, o ressentimento é um sentimento persistente de impotência, rancor e hostilidade que, quando não consegue se expressar diretamente, transforma-se em um modo de interpretar o mundo e julgar as outras pessoas.

Esses sentimentos talvez sejam o que tenhamos vivido nos últimos dias. O desejo insaciável de destruir o oponente, sem nem mesmo sabermos quem somos ou que ideias defendemos. Como se uma bússola moral estivesse entorpecida por um norte incapaz de reconhecer os outros.

Por fim, é a primeira vez que escrevo um texto de catálogo arte não falando somente de obras e peças de arte e sim do mundo. O mundo é um museu como imaginou a geração dos anos sessenta, e espero que ele permaneça para contarmos uma nova história positiva. O título desse texto é justamente reticências, algo não inovador pois me lembra Clarice Lispector que escreveu toda uma obra entre vírgulas, e hoje considero que o tempo, metaforicamente, pode ser representado nesses pontos…

P.s não costumo por datas em textos de catálogo, mas espero que seja um registro de um tempo de luta e tenhamos vencido.

Adel Stump



Intenso carmesim; acrílica sobre tela; 70 x 100 cm; 2024

Agni Shakti



Observatório do futuro; óleo sobre tela; 40 x 50 cm; 2025

Terras raras, tecnologia, preservação ambiental, conflitos e combustíveis fósseis. Nada deve passar despercebido ao olhar humano. Quem vê o presente teme o amanhã.

Aline Marins





Flexus e Deviare; acrílica sobre tela; 30 x 20 cm; 2026

Augusto Herkenhoff



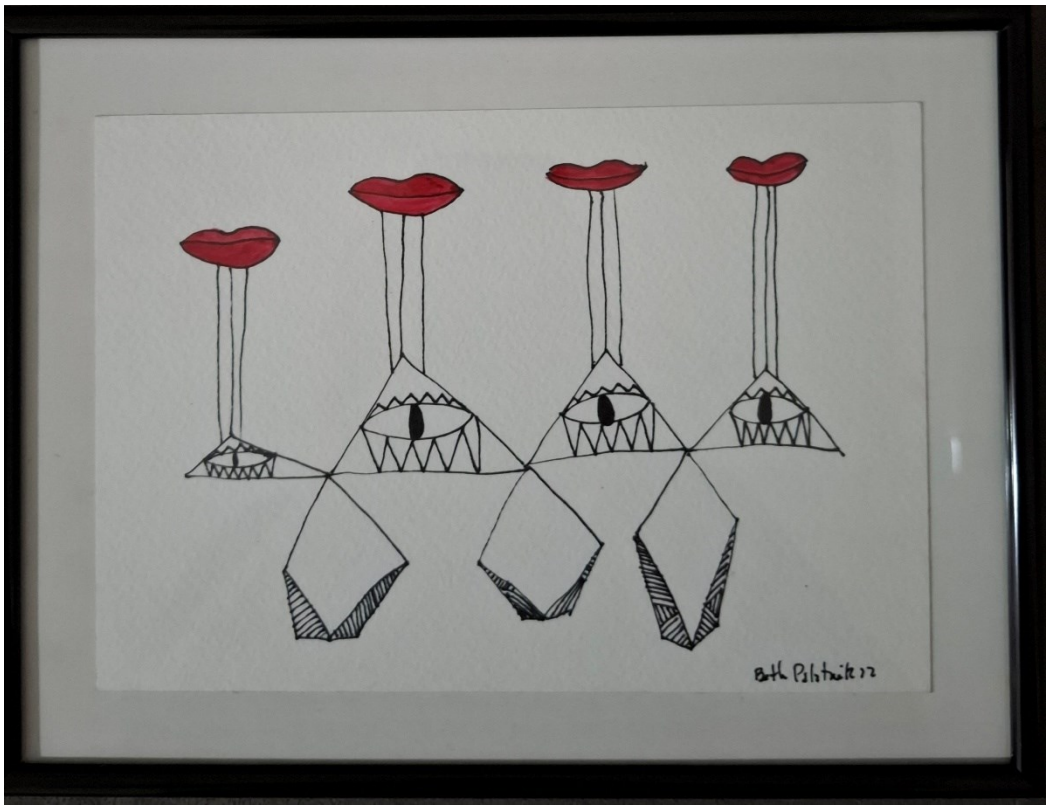


Homenagem a Cildo Meireles; pintura sobre cerâmica; diâmetro 40 cm; 2020

Respiro; acrílica sobre tela; 40 x 30 cm; 2026

Beth Palatnik





Sem título; marcador permanente e aquarela em papel de aquarela; 20,5 x 14,5 cm (moldura 26,5 x 19,5 cm); 2022

Carlos Barroso



Sem título; arte digital, impressão a laser; tiragem 10; 42 x 30 cm; 2026

Chris Jorge



Vida Margaridas Resistência; aquarela sobre papel Hahnemühle 300g 100% algodão; 24 x 30 cm; 2025

Fabiula de Jesus



Vermelhou e Avermelhando; acrílica sobre tela; 30 x 40 cm; 2023

Felipe Manhães



Abstrato 2017#015; caneta nanquim sobre verso de embalagem; 9 x 10 cm; 2017

Gringo Carioca



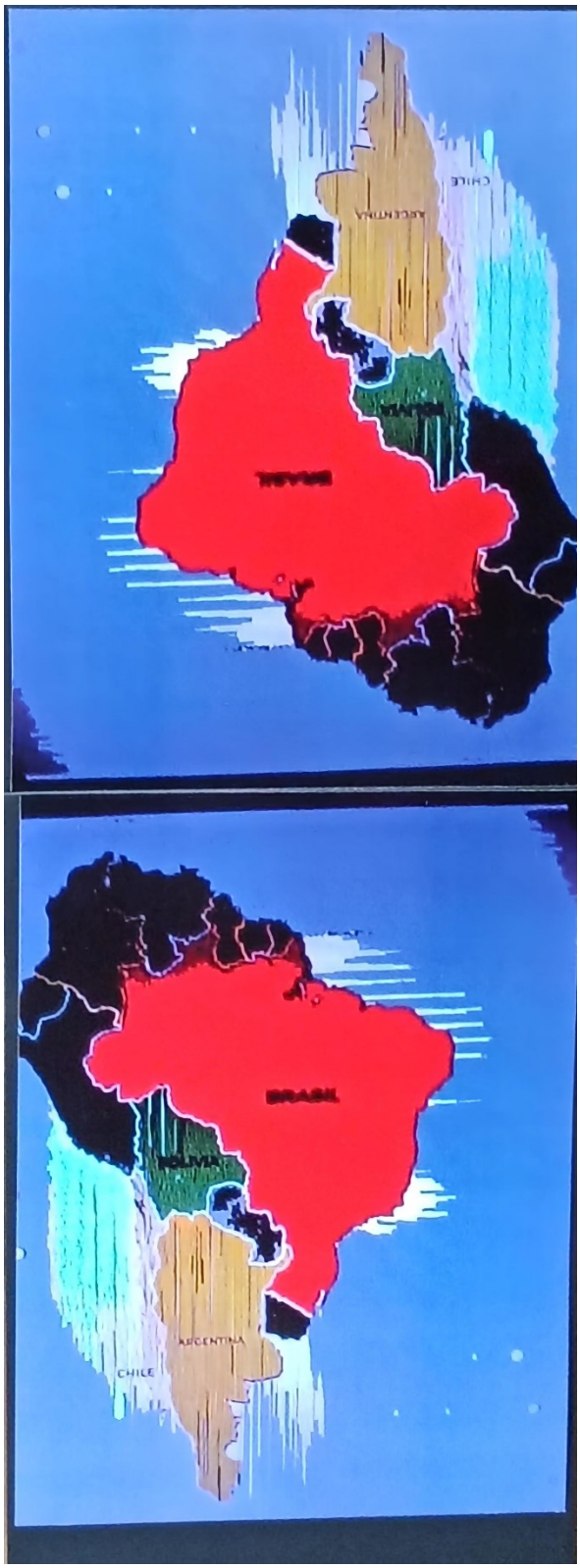
(RE)PARE; arte digital, impressão fine art em papel fotográfico; 75 x 75 cm; tiragem 10; 2026

Helenice Bueno



Moulin Rouge, da série Moulin Rouge; colagem; 28 x 32 cm; 2024

Iraceia de Oliveira



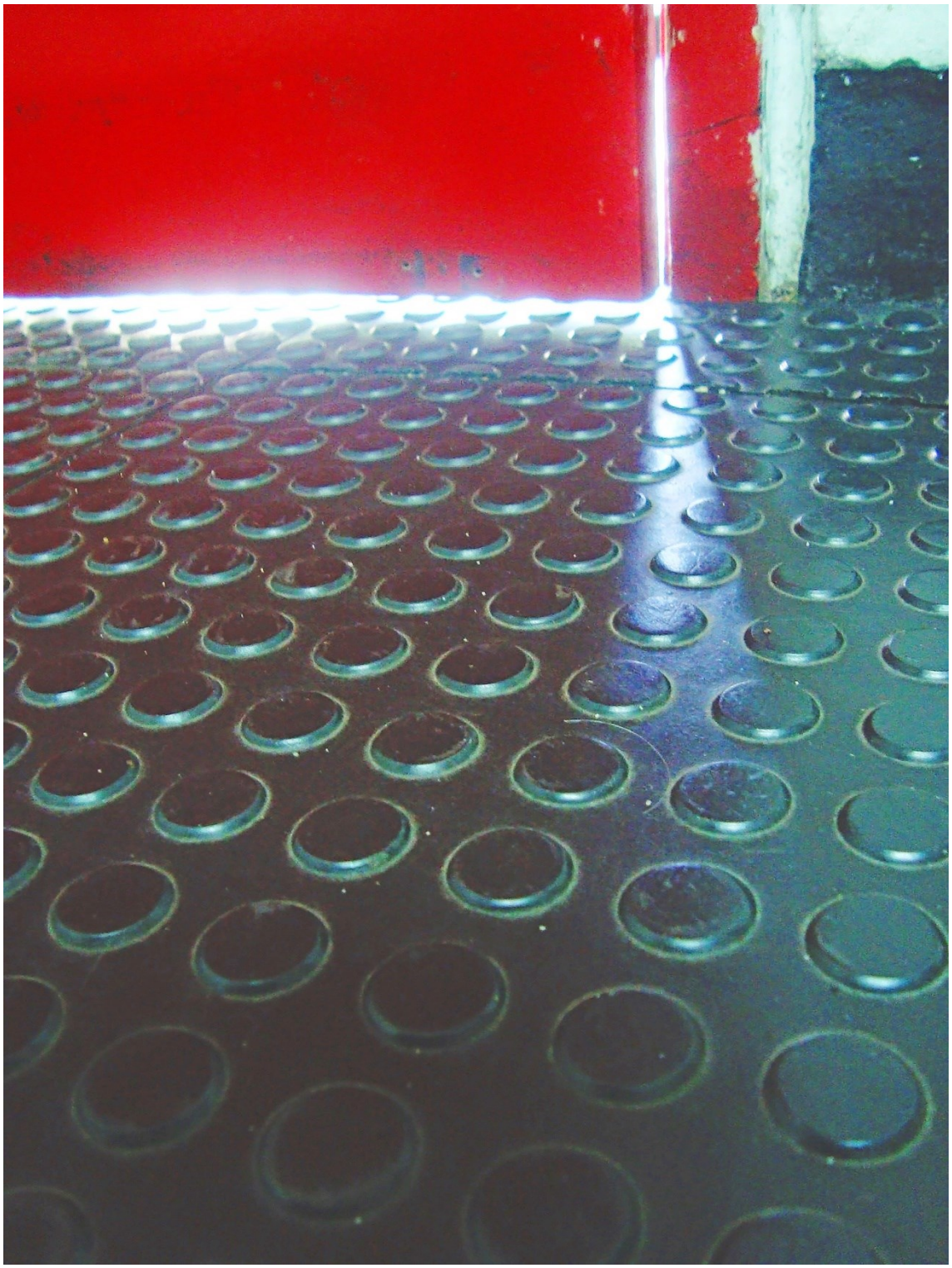
Sem título (Dois mapas da América do Sul justapostos, um invertido, outro na posição real); 80 x 30 cm; 2026

Laffa Alvares



Carnaval Revira-Voltas; aquarela e caneta metálica sobre máscara de papel; 20 x 10 cm; 2026

Liana Gonzalez



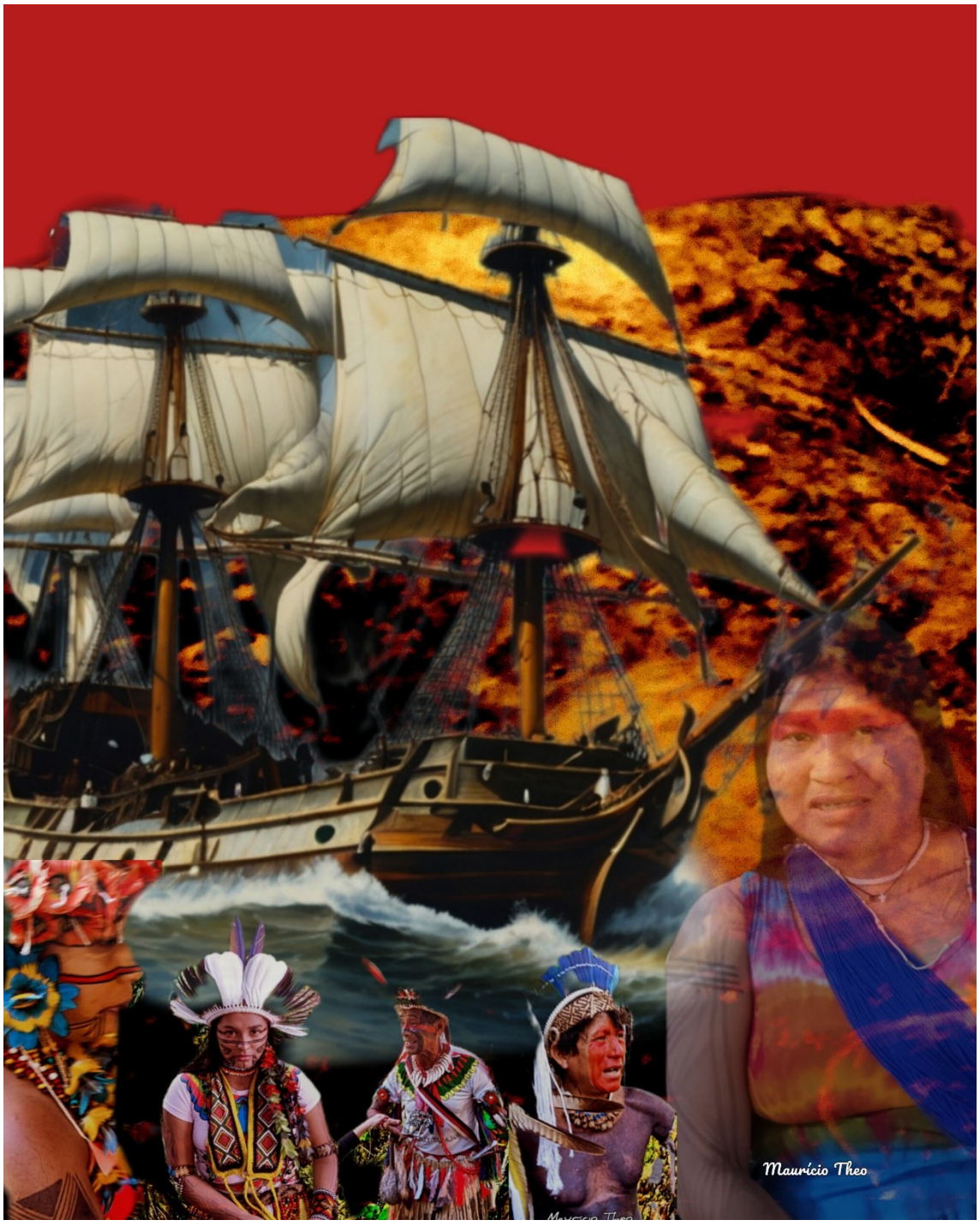
Fresta de luz (esta imagem contém esperança)**;** fotografia, impressão fine art; tiragem 10; 2008-2026

Marta Bonimond



Sem título, técnica mista; dimensões variáveis; 2026

Maurício Theo



Desvios; colagens – arte digital (a partir de fotografia autorais 2024/25); 30 x 40 cm; tiragem 3; 2026

Nonim



Cléo e Daniel, do livro de Roberto Freire 1965 (inspirado em Cildo Meireles); técnica mista; 35 x 45 cm; 2026

Patrice Pelon



Quem tem medo do amor?; acrílica sobre tela e colagem e bordado sobre algodão cru; 30 x 30 cm e ; 21 x 29 cm respectivamente; 2025

Algo Ritmo

O que você está lendo?

O que você está vendo?/ O que te deixam ver?

O que te deixam ler?

Algo? Ritmo?

O que te faz...

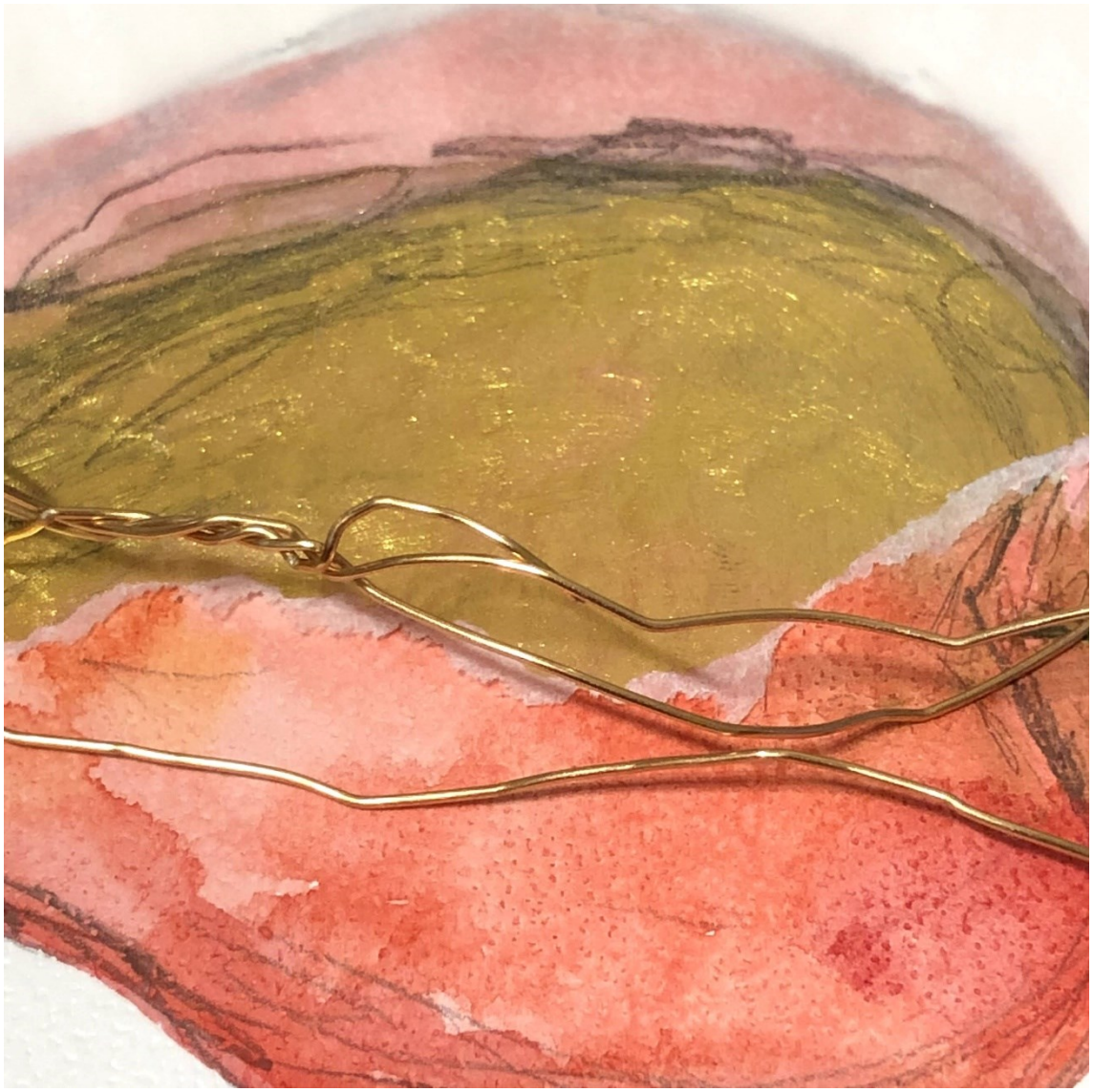
Retro Ceder?

Pierre Crapez



O grito vermelho (inspirado em Munch); fotografia e arte digital, edição Maurício Seidl, impressão sobre acrílico; 42 x 120 cm; tiragem única; 2026

Priscilla Ramos



Desejo V; impressão digital sobre papel algodão; tiragem 1/15; 30 x 30 cm; 2021

Regina Moura



Arqueologias; acrílica sobre tela; 90 x 60 cm; 2024

Robson Martins



Sem título; cerâmica esmaltada; 32 x 5 cm

Sonia Rezende



Passeata da Vitória; fotografia em papel fosco; 30 x 40 cm; 2026

Tania Torres



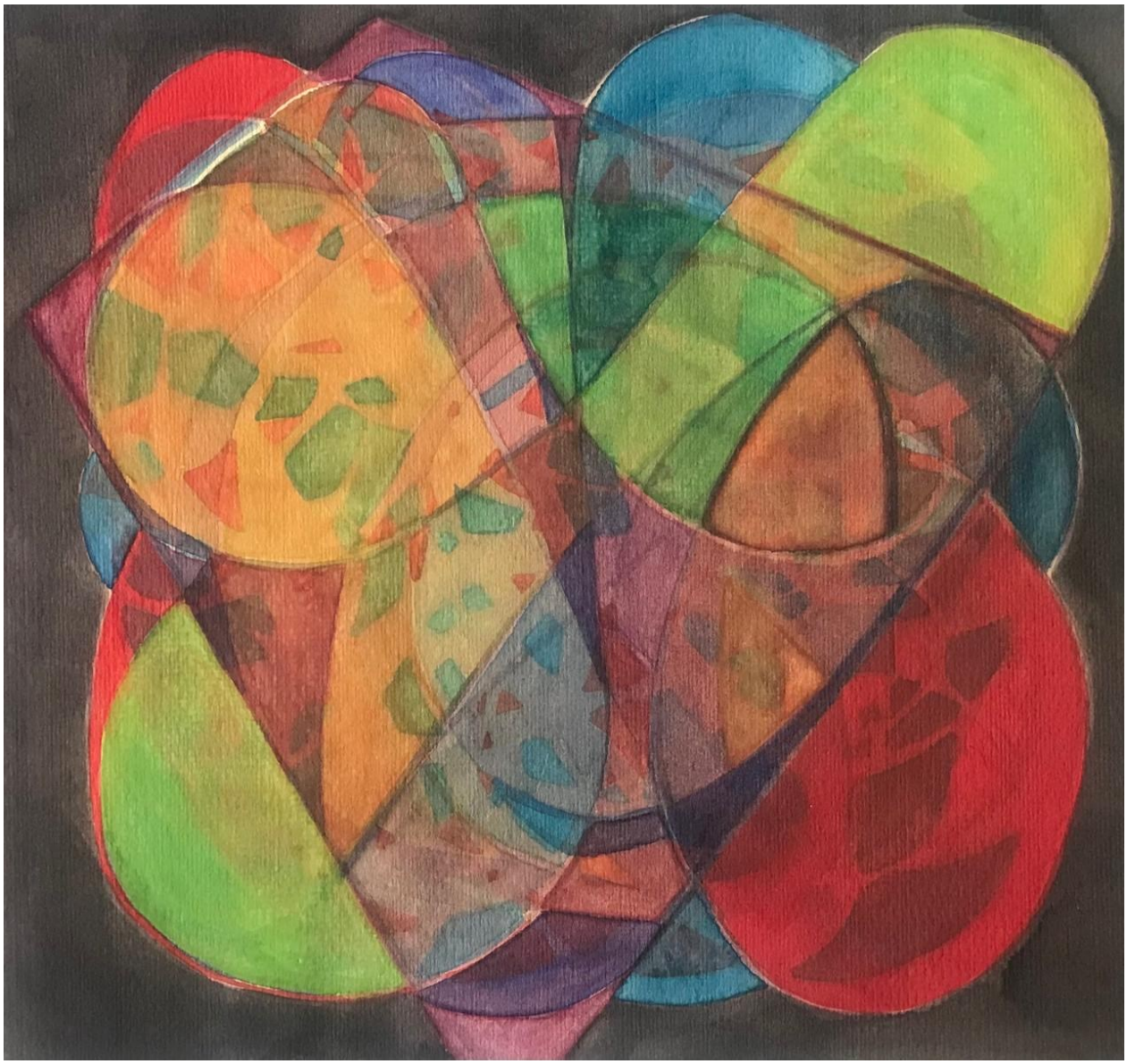
Libertas quae sera tamen (releitura,de Cildo); acrílica, pigmento natural terra e metro de pedreiro sobre tela; 40 x 40 cm; 2026

Thiago Prado



No lindo lago do amor; técnica mista s/ tela; 70 x 50 cm; 2023-2025

Uiara Bartira



Sem título; aquarela; 20 x 20 cm; 2001